

A arquitetura vernácula sob o prisma da hospitalidade: casa, comunidade e espiritualidade

Vernacular architecture through the prism of hospitality: home, community and spirituality

La arquitectura vernácula a través del prisma de la hospitalidad: hogar, comunidad y espiritualidad

Jhade Iane Cunha Vimieiro¹

Caroline Santos de Oliveira²

Leandro Benedini Brusadin³

Resumo: Na perspectiva das ciências humanas, o panorama dos estudos de hospitalidade indica a incipiência de bases epistemológicas perante um objeto que lhe é próprio: a casa das pessoas, especialmente as casas vernaculares. Assim, o presente artigo busca investigar teoricamente e empiricamente as possíveis e plurais relações entre a arquitetura vernácula e a hospitalidade, principalmente sob a luz das categorias analíticas da casa, comunidade e espiritualidade. A metodologia se baseia na pesquisa bibliográfica sobre hospitalidade e arquitetura vernácula diante do cruzamento de teorias e possíveis aplicabilidades com a proposição de categorias analíticas. Somada à discussão teórica, situa-se uma pesquisa de campo realizada em Lapinha da Serra (MG) com abordagem fenomenológica e percepção sensorial das relações entre arquitetura vernácula e hospitalidade. Conclui-se que a arquitetura vernácula se constitui através de aspectos relacionais e processuais da hospitalidade cuja tríade pode ser pensada a partir dos seguintes elementos imbricados entre si: casa, comunidade e espiritualidade.

Palavras-chave: Arquitetura vernácula, hospitalidade, casa, comunidade, espiritualidade.

Abstract: From the perspective of the humanities, the panorama of hospitality studies indicates the incipience of epistemological foundations in the face of an object that is its own: people's homes, especially vernacular houses. Therefore, this article aims to theoretically and empirically investigate the possible, and plural, relationships between vernacular architecture and hospitality, with special focus on the analytical categories of home, community and spirituality. The methodology relies on bibliographical research on hospitality and vernacular architecture, exploring the intersection of theories and potential applications while proposing analytical categories. In addition to the theoretical discussion, the field research was conducted in the district of Lapinha da Serra/MG using phenomenological approach and sensory perception of the relations between vernacular architecture and hospitality. The conclusion highlights that vernacular architecture is constituted through relational and procedural aspects of hospitality, with a triad that can be thought from the following intertwined elements: home, community and spirituality.

Key words: Vernacular architecture, hospitality, home, community, spirituality.

Resumen: Desde la perspectiva de las humanidades, el panorama de los estudios sobre hospitalidad indica la incipencia de bases epistemológicas ante un objeto que le es propio: las casas de las personas, especialmente las casas vernáculas. Este artículo pretende investigar teórica y empíricamente las posibles, y plurales, relaciones entre

¹ Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: jhadvimieiro@gmail.com

² Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: caroline.santosoliveira.arq.urb@gmail.com

³ Universidade Federal do Paraná - UFPR. E-mail: leandrobrusadin@ufpr.br

arquitectura vernácula y hospitalidade, principalmente a la luz de las categorías analíticas de hogar, comunidad y espiritualidad. La metodología se basa en la investigación bibliográfica sobre hospitalidad y arquitectura vernácula ante el cruce de teorías y su posible aplicabilidad con la proposición de categorías analíticas. Además de la discusión teórica, hay una investigación de campo realizada en Lapinha da Serra (MG) con enfoque fenomenológico y percepción sensorial de las relaciones entre arquitectura vernácula y hospitalidad. Se concluye que la arquitectura vernácula se constituye a través de aspectos relacionales y procedimentales de la hospitalidad cuya tríada puede pensarse a partir de los siguientes elementos entrelazados: hogar, comunidad y espiritualidad.

Palabras clave: Arquitectura vernácula, hospitalidad, hogar, comunidad, espiritualidad.

1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo estabelecer as relações conceituais entre a arquitetura vernácula e a hospitalidade em suas perspectivas culturais e sociais. A premissa de intercâmbios interdisciplinares entre estas temáticas se colocam como desafio científico para os campos do Turismo e da Arquitetura e o Urbanismo e, ainda, se justificam pela originalidade do cruzamento teórico e da pesquisa propriamente dita.

Entende-se que o conceito de hospitalidade reside nas relações de reciprocidade, dádiva, acolhimento, troca e relações socialmente estabelecidas que dão coesão social. “A hospitalidade assume a sua face de sedimentar o tecido social. Assim como a dádiva, a hospitalidade se torna, pois, um fato social total” (BRUSADIN; PANOSSO NETTO, 2017, p. 25). Segundo Derrida (1997 apud MARCELINO; CAMARGO, 2017, p. 43), “não existe cultura nem vínculo humano sem um princípio de hospitalidade”, uma vez que a função básica da hospitalidade consiste no processo de troca iminente, e assimétrica, entre aquele que fornece a hospitalidade (anfitriões) e aqueles que a recebem (hóspedes), evidenciando o significado simbólico do próprio ciclo sistêmico de “dom”, o qual consiste nos atos de dar-receber-retribuir (BRUSADIN; PANOSSO NETTO, 2017).

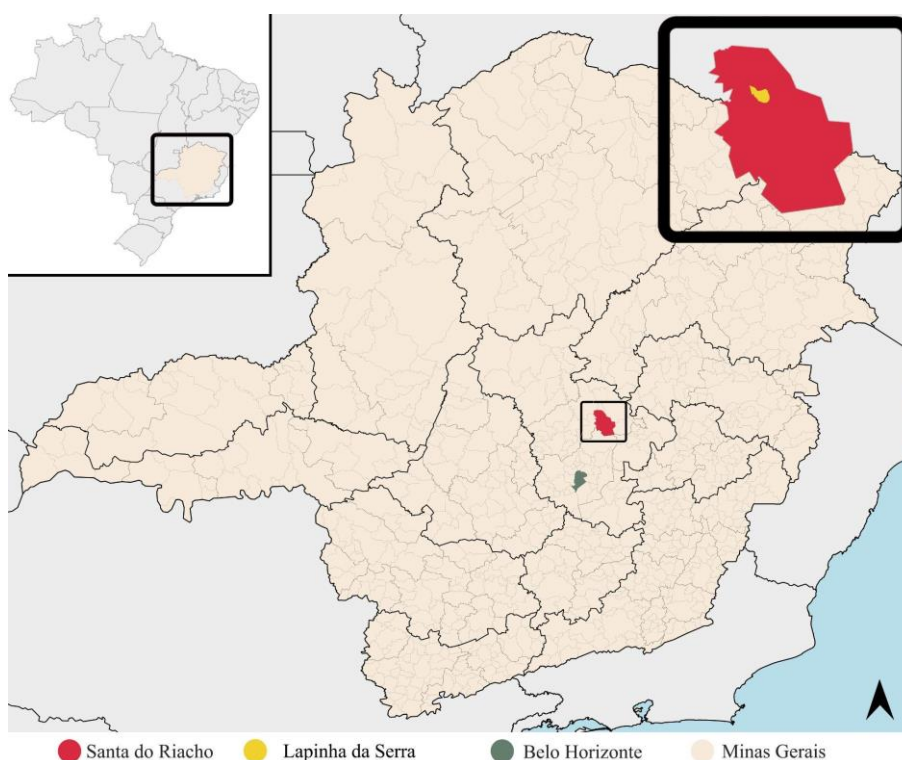
Essas realizações de troca compreendem uma abrangência para além do material, transitando entre ritos, festividades, relações da casa, mercado, gênero, danças, dentre outras relações, evidenciando um ato processual de extrema cultura e tradições, fato tão presente nas manifestações vernáculas, em especial nas arquiteturas (WEIMER, 2012).

A partir de tais conceitos, o artigo busca investigar teoricamente e empiricamente as possíveis relações entre a arquitetura vernácula e a hospitalidade. Os estudos epistemológicos discutem a essência teórica e a produção conceitual de dada área do conhecimento. Desta maneira, a metodologia deste artigo se baseia na pesquisa bibliográfica em autores clássicos de

hospitalidade e de arquitetura vernácula com o cruzamento de teorias e possíveis aplicabilidades por meio da criação de categorias analíticas. Ademais, o panorama dos estudos de hospitalidade indica a incipiência de bases epistemológicas perante um estudo que lhe é próprio: a casa das pessoas, especialmente as casas vernaculares.

Ainda, para além das relações conceituais, esta pesquisa se apoiou na explanação de alguns exemplares de arquiteturas vernáculas de terra no distrito de Lapinha da Serra em Santana do Riacho (MG), distante 140 km de Belo Horizonte (Figura 1). Lapinha é conhecida por ter edificações vernáculas construídas com blocos de adobe.

Figura 1 – Localização de Lapinha da Serra (MG).



Fonte: IBGE, 2021. Adaptado pelos autores. Org.: Autores.

No início da ocupação do vilarejo, as construções em terra eram o único modo viável para construir devido à dificuldade de acesso ao local. Atualmente a técnica em adobe ainda se faz presente e se tornou um marco do local, apesar do acesso a outros materiais de construção. Para a presente pesquisa, considerou-se este território pelo fato de ser um local de aplicabilidade do

cruzamento teórico aqui proposto, ou seja, Lapinha da Serra (MG) é uma comunidade que se utiliza da arquitetura vernácula e, possivelmente, um lugar de hospitalidade.

No sentido de ponderar acerca das relações entre arquitetura vernácula e hospitalidade, este artigo utiliza de debate conceitual transversal entre hospitalidade e arquitetura vernácula com o intuito da criação de categorias analíticas. A conceituação de hospitalidade é pensada sob a perspectiva de Brusadin (2017) e outros autores que corroboram da mesma visão. A arquitetura vernácula é conceituada através da perspectiva de Weimer (2012). Importante dizer que, apesar de outros escreverem sobre a temática, tais escolhas ocorreram em virtude de maior possibilidade do cruzamento entre as temáticas abordadas.

De modo a desenvolver os conceitos definidos, de forma aplicada, foi utilizada a abordagem fenomenológica com pesquisa observatória em Lapinha da Serra (MG). A pesquisa foi desenvolvida partindo de uma visita de campo com suporte da percepção sensorial dos autores a partir da observação fenomenológica das edificações com apoio de um levantamento fotográfico a fim de promover um suporte para a análise teórica.

A problemática da pesquisa se vale dos seguintes questionamentos: como e onde as relações de hospitalidade e arquitetura vernácula se apresentam? Quais categorias podem ser elencadas para o estudo de tais formas simbólicas que emanam dos vínculos das pessoas com as casas vernaculares? Como tais vínculos se apresentam no território, especificamente em Lapinha da Serra (MG)? A estruturação do texto parte da conceituação de hospitalidade de arquitetura vernácula em uma perspectiva relacional e processual, e culmina na criação das seguintes categorias analíticas: a casa, a comunidade e a espiritualidade.

2 A hospitalidade e arquitetura vernácula: campos relacionais

A premissa básica da hospitalidade é a casa, porém, uma vasta gama de estudos é realizada nesta temática. Segundo Marcelino e Camargo (2017), o conceito de hospitalidade apresenta uma variada gama de aplicações e intersecções com diversas áreas do conhecimento. Contudo, os autores chamam atenção para um dos princípios da hospitalidade: as relações de troca. Aqui, a “troca” não deve ser compreendida apenas em seu estado de troca-material, na qual há intercâmbios de objetos, mas sim como relações processuais de troca, isto é, compreender a eminência da troca em todas as realizações e relações humanas, sejam elas materiais ou

simbólicas. Neste sentido, a hospitalidade vai residir no acolhimento, no ciclo do “dom” (dar-receber-retribuir), da dádiva, nos ritos e virtudes, e em especial na cultura, dentre outros (BRUSADIN; PANOSSO NETTO, 2017). Esse conjunto enuncia a pluralidade das relações de troca, evidenciando os atos processuais simbólicos entre pessoa-pessoa e, até mesmo, entre pessoa-ambiente e pessoa-matéria, sendo aquele que fornece a hospitalidade entendido enquanto “anfitrião” e aquele que a recebe como “hóspede”.

Neste cenário de relações de troca que residem nos saberes, nos símbolos, nas relações sociais, nas linguagens, especialmente em processos coletivos, o conceito de hospitalidade compreende uma via para analisar as íntimas relações humanas, dentre elas as próprias manifestações culturais. Dentre as quais se destacam as arquiteturas vernáculas, cujas relações permeiam tanto as trocas entre pessoa-pessoa, pessoa-matéria e pessoa-ambiente, e, para além, uma troca eminentemente cultural entre, e com, os saberes e fazeres tradicionais. Tem-se, neste caso, uma troca entre hóspede e anfitrião “pessoa-cultura”; ora a cultura toma papel de anfitriã, ora como hóspede, evidenciando as íntimas relações processuais da troca. Eis o exercício da hospitalidade que não pressupõe propriedade, tal como disse Derrida (1997).

A cultura da casa é o fator determinante no processo de hospitalidade. Com a revisão sobre o conceito de cultura em sentido antropológico (GEERTZ, 1989) que se estendeu, principalmente, ao longo do século XX, promove-se uma visão mais abrangente, não como superficialização do conceito, mas como uma tentativa de abarcar tudo aquilo que é apreendido enquanto cultura e, na mesma medida, transmitido culturalmente.

Segundo Bosi (1987, p. 35), antes o conceito de cultura é tido como um “conjunto de coisas”, uma visão que, para autor, é retificada e isolada, na qual “tem-se” a cultura, do verbo “ter”; a cultura passa a ser um objeto de posse. Com as revisões conceituais, revisitam-se as relações íntimas de significância e significado de cultura, passando-se a uma visão de um processo cultural. Aqui, focaliza-se a questão da cultura vernácula, cultura imaterial, os saberes, fazeres, tradições, festividades, dentre outras relações simbólicas e não simbólicas que tomam protagonismo ao conceito, uma vez que “cultura é vida pensada [...]. A cultura é um processo” (BOSI, 1987, p. 38). A cultura aqui retoma mais uma vez os sentidos e processos de trocas humanas, as relações de hospitalidade.

Neste amálgama, as manifestações culturais vernáculas têm ensejado um movimento

crescente de seu reconhecimento e valorização “como portadoras tanto de relevantes referências à formação e composição das sociedades nas quais elas ocorrem, quanto de singulares significações, fundamentais no âmbito da diversidade cultural mundial” (TOFANI; BRUSADIN, 2021, p. 37). De acordo com Tofani e Brusadin (2021), dentre essas manifestações culturais vernáculas, destacam-se as arquiteturas, as quais são produtos culturais que, em sua essência, revelam sua condição ontológica para além da matéria, isto é, para além de produto e/ou objeto, podendo ser entendidas aqui também como um processo, uma vez que é uma matéria oriunda da própria imaterialidade cultural, dos saberes, símbolos, linguagens, trocas e relações sociais que a produziram.

Neste acautelamento da arquitetura vernácula enquanto um processo, para além da própria matéria edificada, as relações de produção da arquitetura, tradicional e culturalmente estabelecidas, tomam um protagonismo. Como já apontado, Derrida (1997) reflete que não existe cultura e relações humanas se não através dos próprios princípios de hospitalidade, das relações e realizações de troca. Neste sentido, ontologicamente, a arquitetura vernácula enquanto processo nasce, e se não apenas, através dos próprios ritos de hospitalidades, uma vez que, segundo Weimer (2012, p. XXI) a “arquitetura é um fenômeno eminentemente cultural”, nela, em especial na vernácula, traduzem-se as interações (trocas) entre diversas culturas, as quais por si mesmas são frutos das relações, realizações e manifestações da hospitalidade.

A arquitetura vernácula é “aquela que é própria do povo e por ele é realizada” (WEIMER, 2012, p. XLI). Aqui emerge outra relação com a hospitalidade: se a arquitetura vernácula é própria de um povo, afloram-se os sentidos de acolhimento entre hóspede e anfitrião. Ora o povo é anfitrião das manifestações vernáculas que cunha, ora se torna seu hóspede, sendo acolhido pelas representações culturais que sua arquitetura enuncia. Aqui as relações humanas se constroem não com a matéria, mas com as enunciações simbólicas que a materialidade exprime àquele que a produz e a ocupa.

Na hospitalidade tais trocas podem se referir ao espírito das coisas trocadas que foi enunciado por Goudbout (1992) e, em uma perspectiva assimétrica, tratada por Gotman (2001). As coisas trocadas das casas vernaculares são expressas desde os rituais de construção ao habitar em si. Os elementos da tríade dar, receber e retribuir (MAUSS, 2008) se fazem presentes com (e entre) as casas, as pessoas, a terra e a comunidade em atos não necessariamente calculados e, por

vezes, situados na contramão do processo de moradia do mundo capitalista.

Uma característica apontada por Weimer (2012, p. XLIII) compreende a arquitetura vernácula como “resultado de uma evolução multissecular e de profundo respeito às tradições culturais do grupo”. Destaca-se a expressão “profundo respeito” que o autor faz uso. Tal expressão retoma um dos princípios mais íntimos da hospitalidade: o dom (dar, receber e retribuir). A ideia de respeito, no que concerne à arquitetura vernácula, vai construir uma relação intrínseca dos processos de construção da matéria edificada. Um ato de transmissão (dar) da técnica, dos saberes e fazeres da arquitetura; um ato de transmissão da imaterialidade que é assimilada (receber) no processo da troca e relações humanas daquele determinado povo, o qual realiza, edifica, transmite e respeita aquela cultura e tradição (retribuir).

Weimer (2012) ainda aponta que uma das características gerais da arquitetura vernácula diz respeito à sua utilização dos materiais locais, disponíveis no meio ambiente, mantendo, assim, um estreito vínculo com a natureza. Observa-se aqui outro rito hospitaleiro que emerge, quase que em ato de comensalidade: a natureza que dá, é recebida pelo homem que a retribui utilizando-a, a priori, às suas íntimas necessidades, a morada. A arquitetura vernácula aqui não se torna intrusa à natureza, mas parte dela e se torna integrante a ela. Observa-se que, os ritos e princípios da hospitalidade, no que concerne às manifestações da arquitetura vernácula, transcendem as relações humanas propriamente ditas, elas conjugam uma transversalidade dos processos que atingem a natureza, o homem, a materialidade e a imaterialidade (indissociáveis entre si), tal como nos processos ritualísticos e sacrificiais estudados por Mauss (2008).

Para além das relações conceituais, um olhar atento a situações concretas, como o caso de Lapinha da Serra, em Santana do Riacho (MG) (ver Figura 1), a arquitetura vernácula e suas formas de produção enunciam as íntimas relações de troca que residem na hospitalidade, ora aplicada no território e possíveis categorias analíticas.

3 Casa, comunidade e espiritualidade

Para Figueiredo (2017), em uma determinada localidade, a casa torna-se o centro geométrico para os sujeitos, mudando suas percepções espaciais a partir da casa, tanto para quem mora (anfitrião) quanto para quem é recebido (hóspede). Desta forma, ao tratar da hospitalidade, fica evidente a importância do ato de olhar a casa, assim como a importância dos movimentos de

percepção e sensação de acolhimento neste local.

Dentre uma leitura da hospitalidade sobre a perspectiva da casa, observa-se que ela possui uma função de partilha, um lugar “comum” que proporciona, através da convivência e conhecimento cultural, novas significações sociais para o hóspede e o anfitrião, sendo, portanto, o lugar mais íntimo da troca entre aquele que recebe e aquele que é recebido (BENCKER, 2017).

O simbolismo da casa vai muito além do espaço físico do habitar, a casa passa a ser fonte de pertencimento, representa a memória e a convivência e, ainda, conota a ideia de acolhimento, recomeços, permanências, hostilidades e identidades em movimento. Neste sentido, a casa pode construir vínculos por quem por ela passa, isto é, relações de trocas simbólicas expressas em diversos rituais domésticos. A casa transmite a cultura de cada organismo que se utiliza dela ao longo de gerações, acolhendo e adequando a diferentes modos de vida, inscrevendo estas transformações em suas paredes e em suas relações simbólicas entre a materialidade e a imaterialidade, entre pessoa-pessoa, pessoa-matéria e, sobretudo, entres as pessoas e as culturas de cada casa. A soleira da porta é a fronteira presente entre o eu e o outro, entre a casa e a cidade, entre o abrir e o fechar, entre o chegar e o partir.

No ato de receber um hóspede, a casa atua de forma descolonial, contribuindo para o desprendimento arraigado na sociedade ao promover intercâmbio cultural e as relações de troca da reciprocidade (BENCKER, 2017). Respaldados pela vivência de uma ética baseada no respeito pelas outras formas de vida existentes, os hóspedes vivenciam uma hospitalidade que se expressa nos valores imateriais existentes.

A hospitalidade vista sob o prisma da espiritualidade consiste na dimensão humana da busca da transcendência. É importante diferenciá-la da religiosidade, uma vez que a espiritualidade é mais ampla e independe de religião (SCHNEIDER et. al, 2013). Uma forma de vivenciar a espiritualidade é por meio de uma conexão compartilhada, uma relação de troca eminente, que possibilita sensibilidade e mudança interior (BOFF, 2006).

O senso de comunidade, por sua vez, é fortalecido pelo ato da troca, isto é, dentro do ciclo da tríplice obrigação do dom (MAUSS, 2008). Observa-se que, sem esta capacidade de reciprocidade, poderia se perder o senso de comunidade. Pela perspectiva da hospitalidade, a comunidade é fundamental para o sentimento de acolhimento e eminentes relações de troca (BRUSADIN, 2017).

A casa, a comunidade e a espiritualidade são intercessões dos processos de hospitalidade e da arquitetura vernácula que estão imbricados entre si. A casa se expressa na constituição identitária do indivíduo e de grupos familiares diversos, a comunidade como expressão coletiva e convívio cidadão e a espiritualidade digna dos rituais de trocas assimétricas e manifestações das pessoas em um processo de pertencimento e afeto.

4 Hospitalidade e arquitetura vernacular em Lapinha da Serra (MG): aspectos fenomenológicos

Se até o presente momento do artigo discutimos teoricamente os aspectos simbólicos ditos não materiais da hospitalidade e da arquitetura vernácula, torna-se importante, a partir deste momento, evidenciar tais expressões nas técnicas construtivas materiais das casas e as relações de reciprocidade que podem proporcionar por meio do uso do adobe. E, para tal, utilizamos o pressuposto fenomenológico em um recorte espacial estabelecido.

Para Pereira (2022), a fenomenologia dá ênfase ao sujeito e a sua percepção individual, tornando-se, assim, uma forma de entender como se percebe o mundo, isto é, uma própria percepção da percepção. Neste sentido, a fenomenologia, enquanto método, atribui um protagonismo aos fenômenos e às respostas perceptivas que os sujeitos têm ao observá-los, senti-los e vivenciá-los.

[...] a relação de consciência que o indivíduo tem com o objeto, ou seja, ela reconhece a realidade e a verdade de determinados fenômenos, as coisas como elas aparecem a quem as observa. As coisas não apenas existem, mas também se manifestam a si mesmas como o que elas são (NASCIMENTO; COSTA, 2016, p. 48).

Com isso, a partir de uma visita de campo à Lapinha da Serra (MG) sob um olhar fenomenológico, observam-se, já em primeiro plano, construções que expõem sua materialidade, isto é, sua arquitetura vernácula em adobe (Figura 2).

Figura 2 – Exemplos de arquitetura vernácula em Lapinha da Serra (MG).



(A) Residência em adobe; (B) altar da Igreja em adobe; (C) Ornamento de uma face em taipa de mão.

Fonte: Levantamento de campo (2022). Fotos: Autores.

Essa exposição do adobe chama uma curiosa atenção, uma vez que as edificações em terra são sensíveis à água, e devido a isso, carecem de revestimento para não serem expostas às intempéries (VERALDO *et al.*, 2014). Uma percepção inicial, portanto, toma um primeiro plano: o não revestimento dos adobes, deixando-os expostos, enuncia suas próprias relações de produção. Segundo Klimkievicz e Rezende (2019) essa produção dos blocos de adobe, assim como a construção das edificações que levam tal material em Lapinha da Serra, são realizadas de maneira coletiva.

Estas técnicas construtivas são realizadas por meio de rituais de troca iminente entre a imaterialidade do “saber” e a materialidade do “fazer” em práticas de sacrifício e mutualidade dos membros da comunidade de Lapinha da Serra (MG). Neste sentido, a exposição crua e “nua” dos adobes, interna e externamente, contribui para uma hospitalidade que reside nas relações de trocas assimétricas, isto é, uma ação de exposição que remonta os atos coletivos, dos saberes e dos fazeres do adobe os quais não são calculados. As relações comunais e ritualísticas residem na espiritualidade da matéria de cada bloco ali assentado e expressam atos de afeto, amizade e zelo consigo e com o outro.

Ao apreender as percepções de cunho fenomenológico na categoria da casa, observa-se que a presença de adobe exposto, e em alguns casos a taipa de mão, nas edificações no distrito, mudam a organização do espaço vivido no plano perceptivo e a forma com que a Lapinha da

Serra é entendida. Por meio das vivências e trocas culturais intrínsecas ao modo construtivo marcante na localidade, o simbolismo destas edificações vernáculas permeia a assimilação de quem é recebido (hóspede). As casas vernáculas podem refletir a história e crescimento do distrito, contam a cultura construtiva, a coletividade e a materialidade de Lapinha da Serra, isto é, enunciam um lugar de hospitalidade cujo laço social se dá por meio do adobe.

Expor o adobe também é um ato de expor uma comunidade para si mesma, para suas íntimas relações culturais e sociais, isto é, um olhar hospitaleiro sob a categoria da comunidade. Aqui, a arquitetura vernácula toma um protagonismo de anfitriã – aquela que fornece a hospitalidade – na medida em que se faz presente por si mesma, retomando os anfitriões que a construíram através de suas relações simbólicas e materiais de produção. Isto é, a arquitetura vernácula em adobe (exposto) se torna anfitriã na medida em que acolhe pela enunciação, pela rememoração de outros atos hospitaleiros que residem nos ritos do produzir e do construir comunitário lapinhense.

Outra relação hospitaleira comunitária se expressa com os adobes expostos: uma relação de troca entre a população para com aqueles que produziram os blocos de adobe, os mestres adobeiros. “São considerados os atuais mestres adobeiros aqueles prezados pela população local, pessoas referências que continuam difundindo a técnica e empregam esse saber como parte de seu ofício” (KLIMKIEVICZ; REZENDE, 2019, p. 132). Uma relação de hospitalidade, respeito e troca entre a população lapinhense e seus mestres adobeiros.

Adentrando às percepções de cunho fenomenológico na categoria da espiritualidade, através da visita a campo, e ao observar a fotografia do altar da Igreja em adobe exposto em Lapinha da Serra (Figura 2), percebe-se um ato de troca simbólica, a qual se estabelece entre a espiritualidade expressa no altar e o constante diálogo que se constitui junto ao adobe exposto. Compreendendo as questões que tanto as categorias da casa quanto da comunidade – enunciados por esta arquitetura vernácula exposta –, ao deixar os adobes “nus” no altar da Igreja, atrela-se mais uma vez os ritos hospitaleiros de troca para a comunidade que adentra à chamada “casa de Deus”. Uma casa espiritual, onde a troca entre fé, transcendentalidade, comunidade e hospitalidade se reforçam por um simples ato arquitetural construído, enunciando as relações de reciprocidade que ali se fortificam e se reproduzem ao longo do distrito.

5 Considerações finais

No campo das inter-relações, a hospitalidade na arquitetura vernácula está atrelada ao processo construtivo, por muitas vezes coletivo, com uso de material disponível no local da construção. Estes elementos materiais, sob uma abordagem fenomenológica, contribuem para uma relação hóspede-anfitrião de acolhimento e troca cultural, enunciado as relações simbólicas que as acompanham.

As categorias casa, espiritualidade e comunidade são dimensões da hospitalidade para percepção da arquitetura vernácula, ainda que não fechadas em si mesmas, mas entrelaçadas entre tais. A casa por meio de troca cultural, memória e vivência, a comunidade intrinsecamente ligada à relação de “dom” e a espiritualidade através da transcendentalidade. Ao abordar a arquitetura vernácula sob o prisma da hospitalidade, observam-se as práticas de reciprocidade que essa arquitetura apresenta nas relações entre as pessoas, matéria e natureza, evidenciando as íntimas relações de troca que culminam nos sentidos e fazeres da hospitalidade vernácula.

Salienta-se que as reflexões aqui apresentadas, por meio de estudos teóricos interdisciplinares e pesquisa observatória no distrito Lapinha da Serra (MG), apenas podem ser atestadas com um diálogo direto e constante com a comunidade local (anfitriões e hóspedes). Contudo, ressalta-se que a abordagem fenomenológica da observação permitiu construir reflexões transversais que contribuíssem para a intersecção conceitual entre hospitalidade e a arquitetura vernácula, sendo, portanto, as reflexões sobre Lapinha da Serra, uma maneira pela qual se pode exemplificar as percepções dos fenômenos desses conceitos. Ademais, alguns processos turísticos que extrapolam o uso social da arquitetura vernácula para o universo do consumo, especialmente em Lapinha da Serra, podem gerar hostilidades e também devem ser considerados para estudos futuros.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

BENCKER, A. F. M. Prefácio. *In*: BRUSADIN, L. B (org.). **Hospitalidade e dádiva**: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017. P. 8-18.

BOFF, L.; **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOSI, A. Cultura como tradição. *In*: FUNARTE (org.). **Cultura Brasileira**: Tradição Contradição. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 31–58.

BRUSADIN, L. B (org.). **Hospitalidade e dádiva**: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

BRUSADIN, L. B.; NETTO, A. P. O sacrifício e o espírito das coisas perante o dom e a hospitalidade: (des)entendimentos científicos. *In*: BRUSADIN, L. B (org.). **Hospitalidade e dádiva**: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 23-41.

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. **De l'hospitalité**. Calmann-Lévy, 1997.

FIGUEIREDO, A. F. A.; A casa e o acolhimento como ação descolonial. *In*: BRUSADIN, L. B (org.). **Hospitalidade e dádiva**: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017. P. 195-214.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : Guanabara, 1989.

GODBOUT, J. T. **O espírito da dádiva**. Collaboration d'Alain Caillé. Paris: Éditions La Découverte, 1992.

GOTMAN, A. **Le sens de l'hospitalité**. Essais sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

KLIMKIEVICZ, M. M.; REZENDE, M. A. P. Transferência de Técnica Vernácula: tradição construtiva e gerações lapinhenses. *In*: REZENDE, M. A. P.; CASTRO, M. L. A. C. **Arquitetura Vernácula**: Sustentabilidade no ambiente construído. 1ª Ed. Belo Horizonte: Vernaculum; Sustentabilidade no ambiente construído, 2021. p. 121-144.

MARCELINO, G. K.; CAMARGO, L. O. L. Dimensões teóricas da noção de hospitalidade. *In*: BRUSADIN, L. B (org.). **Hospitalidade e dádiva**: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017. P. 43-82.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa : Edições 70, 2008.

NASCIMENTO, T. F.; COSTA, B. P. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 20, n. 3, p. 43-50, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/20152/pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

SCHNEIDER, M.; SANTOS, M. M. C.; Buscando construir um quadro teórico de referência para análise da hospitalidade em Romarias, **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 5, n. 4, p. 577-591, out-dez 2013.

TOFANI, F. P.; BRUSANDIN, L. B. A arquitetura vernácula enquanto patrimônio cultural: contribuições para sua preservação sustentável. *In*: REZENDE, M. A. P.; CASTRO, M. L. A. C. **Arquitetura Vernácula: Sustentabilidade no ambiente construído**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Vernaculum; Sustentabilidade no ambiente construído, 2021. P. 36-71.

VERALDO, A. C.; YUBA, A. N.; MILANI, A. P da S. Análise de soluções construtivas para interfaces de paredes de taipa. *In*: Encontro Nacional de tecnologia do ambiente construído. , XV, 2014, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: ENTAC, 2014.

WEIMER, G. **Arquitetura popular brasileira**. 2ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Artigo recebido em: 26/07/2023.

Avaliado em: 08/10/2023.

Aprovado em: 10/10/2023.